
terra roxa

e outras terras

Revista de Estudos Literários

A POESIA NA FILOSOFIA HEIDEGGERIANA: UMA BREVE INVESTIGAÇÃO RUMO À CRÍTICA

Chimena M. S. de Barros
(UNESP)

RESUMO: As reflexões de Martin Heidegger (1889), filósofo alemão, marcaram uma virada na tradição filosófica e o início de um novo pensamento em que o cuidado com a linguagem era tão importante quanto à trajetória do pensamento. Aliás, um e outro estão intrinsecamente relacionados nessa filosofia. Será sobre a poesia pensada por Heidegger que nos debruçaremos em nosso trabalho, fazendo primeiro uma sucinta exposição das idéias principais do filósofo e em seguida tentando mostrar como os Estudos Literários, sobretudo a crítica especializada em poesia, podem ser beneficiados pelo pensamento heideggeriano.

PALAVRAS-CHAVES: poesia, filosofia, Heidegger.

O primeiro “autor” de teoria literária, como bem sabemos, foi Aristóteles, com suas considerações sobre a literatura em *A Poética*. Desde suas reflexões, foram muitos os filósofos a abordar a arte literária e podemos sempre recorrer à filosofia como instrumento teórico para a análise de poesia. Até mesmo poetas o fizeram, o que demonstra a união das duas áreas que ora se entendem, ora discutem entre si.

Filósofos escreveram literatura, poetas foram quase filósofos. Houve então um filósofo que tentou “poetar”, filosofar e fazer poesia ao mesmo tempo: Martin Heidegger. Curiosamente, após termos concluído nossas reflexões a respeito dessa “filosofia poética”, deparamo-nos com uma menção ao filósofo em um livro sobre literatura portuguesa, cujo autor, Fernando Guimarães, em nota, menciona a repercussão do pensamento heideggeriano na cultura portuguesa. Segundo Guimarães (1992: 107), um importante poeta do chamado primeiro modernismo português, Almada Negreiros, mostrou grande interesse pelo pensador alemão, tendo adotado suas idéias filosóficas em seus escritos críticos. Sinal de que não caminhamos em direções erradas ao tentar, com o presente texto, apontar a possibilidade de uma crítica ao modo heideggeriano.

Não obstante, a crítica vinda da filosofia pede uma trajetória árdua: leitura e entendimento, aceitação e confirmação. É preciso, pois, que tentemos percorrer essa trajetória e que dela consigamos retirar o quanto for possível para, talvez, obtermos novas direções no exercício da crítica e no pensamento sobre filosofia e poesia.

I- INSTAURAÇÃO DA TRADIÇÃO: O INÍCIO DA RELAÇÃO “POESIA E FILOSOFIA”

Poesia e Filosofia, uma relação de “amor e ódio”, laços que ora se apertam, ora se afrouxam. Nos cursos de Letras, o estudo da literatura inicia-se com a historinha do filósofo grego que expulsou os poetas de sua “República Ideal”. É nas palavras de Platão que a relação tem sua origem; seus argumentos: o discurso da poesia é fantasioso, não obedece à lógica do pensamento, não instrui, e a poesia está em demasia afastada da Verdade (a Verdade de Platão; o “conceito verdade” que habita o Mundo das Idéias e ao qual apenas os “sábios” têm acesso).

Para o filósofo grego, a poesia afasta-se da Verdade; com efeito, o poeta é alguém sem uma grandiosa função na sociedade. No final do *Fedro*, Platão provoca:

falar a Homero e a qualquer outro autor de poesias que se destinam ou não a ser cantadas; [...] Devemos dizer-lhes o seguinte: se eles estão certos de possuir a verdade e capazes de a defender, se podem com as suas palavras ir além dos seus escritos, não devem chamar-se retóricos, que devem tomar a sua denominação da ciência a que se dedicam. (1954: 261)

E diante da curiosa indagação de seu discípulo, continua: “Chamá-los sábios, Fedro, me parece excessivo e só aplicável a um deus; mas o nome de *filósofo* ou um epíteto semelhante lhes caberia melhor e seria mais apropriado” (Platão 1954: 261, grifo nosso). Assim, o pensador lutou com as armas que tinha, suas proposições eram adequadas ao pensamento filosófico da época e os filósofos ganhavam o estatuto de semi-deuses, a filosofia, de semi-devoção e a poesia, de grande inútil.

A poesia foi ainda abordada em diversas reflexões de todos os tempos; como arte que é, esteve sempre entre as preocupações de filósofos, por diferentes abordagens e diversos motivos. Milênios depois da condenação de Platão, a situação inverteu-se: “A *verdade* como clareira e ocultação do ente acontece na medida em que se *poetiza*” (Heidegger 1990: 58, itálico nosso), sentenciou o filósofo alemão Martin Heidegger, em *A Origem da Obra de Arte*. Outro tempo,

outra visão de mundo junta novamente a idéia de poesia à de verdade e à filosofia. Evidentemente, trata-se de uma nova verdade, um novo modo de pensá-la que está em uma reflexão moderna, que se pretende afastada da metafísica e retoma questões antigas com uma abordagem bastante diferente.

Em seu pensamento sobre o *ser* e o *ente*, Heidegger passou pela verdade e chegou à obra de arte e à poesia, “*Toda a arte, [...], é na sua essência poesia*” (1990: 58, itálico do autor). Ora visto como um existencialista (denominação por ele renegada), ora como um fenomenologista, e sempre como um representante nato da hermenêutica, o filósofo conduziu suas reflexões ontológicas para o universo da linguagem, não sem antes ter passado por uma revisão da “tradição” e o que podemos ver como uma precursora “desconstrução” dela em *Ser e Tempo*.

Na concepção do filósofo alemão, a herança de Platão, renegada ou reafirmada, é transmitida erroneamente, a tradição é uma das formas do *ser* perder-se de si, porquanto ela transmite o esquecimento do que ela própria fora primeiro. Heidegger então vai propor “uma filosofia futura que irá olhar adiante para seu passado e regozijar-se em sua infundável novidade” (Rée 1999: 22). A herança aqui citada não diz respeito apenas ao pensamento sobre a poesia e os poetas, é uma visão que fundou a filosofia e que tratou os temas a que Heidegger dedicou-se em toda a sua obra: o problema do *ser*, seu sentido, sua verdade.

A partir dele, o filósofo segue com sua reflexão utilizando uma linguagem caracterizada como “obscura” por muitos estudiosos. Suas considerações sobre o *ser* encontram na língua alemã o meio de expressão ideal pela opção que ela oferece na formação de palavras; assim, para um pensamento novo, uma nova visão do *ser* e da metafísica, o filósofo cria neologismos ou usa palavras gregas empregadas em um novo sentido. Tal qual um poeta, Heidegger faz da linguagem o acontecimento fundamental de sua obra.

II- O PENSAMENTO HEIDEGGERIANO DO DASEIN À VERDADE

Para chegar à *poesia*, Martin Heidegger antes correu seu pensamento pelo *ser*, pelos conceitos “*mundo*” e “*terra*”, pela *verdade* e pela *obra de arte*. Mas tais conceitos não são para o filósofo o que foram para a tradição filosófica metafísica. Para ele, a herança metafísica estaria chegando ao fim, em seu texto “O fim da filosofia”, ele iguala filosofia à metafísica, e ambas ao platonismo: “Filosofia é metafísica. Esta pensa o ente em sua totalidade – o mundo, o homem, Deus – sob o ponto de vista do ser, sob o ponto de vista da recíproca imbricação do ser” (Heidegger 1979b: 71). Ainda segundo Heidegger, o filósofo deveria partir da *existência humana* para formular suas reflexões, e não fazer pressuposições

sobre sua natureza ou trabalhar com conceitos abstratos: “Heidegger acha que as pressuposições, formadas por séculos de metafísica, distanciaram a filosofia do verdadeiro conhecimento do ser” (Chauí 1979: viii).

Começando pelo *ser*, devemos apontar sua abordagem até o aparecimento da filosofia heideggeriana, em que essa visão metafísica vai se desfazendo. Em seu lugar, um *ser* existencial, mais que isso, um *ser* não idealizado, um *ser* no mundo, do mundo e com o mundo, não o homem, mas um *ser* que habita o homem: o *Dasein*.

Antes de Heidegger, a questão do ser tinha uma valoração subjetiva em confronto com uma objetiva. O ser era então visto como uma personalidade, uma individualidade independente do outro, o qual seria uma projeção do “eu”. O ser era o eu, o “eu” tornava-se um “rei” das pressuposições filosóficas, a medida de todas as coisas. O filósofo alemão refutou a coroação do eu e procurou o ser essencial, que não é o eu nem o outro, mas somos nós, e nós “não somos de fato eus cartesianos auto-encerrados e autocentrados, mas aberturas receptivas voltadas para o mundo” (Rée 1999: 45)

O ser heideggeriano só pode ser encontrado pelo *Dasein* e no *Dasein* ou “ser-aí”: “O *Dasein* é o ente que compreende o ser, o que significa entendê-lo em sua existência e entender a existência como possibilidade sua, de ser ou de não ser si mesmo, com a qual está concernido” (Nunes 2002: 12).

Por *Dasein* devemos entender nós mesmos quando estamos à procura do ser, mas não nos enganemos: “nós mesmos” significa a existência humana, o homem enquanto tentado a revelar-se a si mesmo, não uma consciência subjetiva, um raciocínio ou um corpo humano: “mas como *Daseins* não somos nada além de nossas compreensões e incompreensões do mundo e do lugar que nele ocupamos, e de nossas mais ou menos claras compreensões e incompreensões dessas próprias compreensões, e assim por diante, interminavelmente” (Rée 1999: 16).

Apenas partindo do “ser-aí” (*Dasein*) é que nos é possível chegar à descoberta do *ser*, visto que o primeiro compreende o segundo. Mas o “ser-aí” não é uma entidade virtual, um exemplo do *ser* que só existe para ilustrar a filosofia heideggeriana: ele é o *ser* vinculado ao *mundo*. E *mundo* para o filósofo não é o que sempre entendemos como tal (Universo, globo terrestre, espaço), ele abrange muito, é geografia, sociedade, economia, e principalmente *história*.

Afonso de Castro, estudioso da poesia de Manoel de Barros, analisou a obra do poeta à luz da filosofia de Heidegger no livro *A Poética de Manoel de Barros*. Sua definição do *mundo* heideggeriano pareceu-nos bastante adequada e elucidativa. Castro escreveu que mundo,

para Heidegger, é a totalidade em que o ser humano está imerso. Ele pré-existe a qualquer noção de sujeito objeto. O mundo é algo pressuposto, já dado. O mundo sendo algo já dado, englobante, está sempre presente e resiste a qualquer tentativa de objetivação. O mundo dá-se a perceber somente junto com as entidades que surgem nele. A compreensão ocorre através do mundo. Segundo Heidegger, mundo e compreensão são partes inseparáveis da constituição do *Dasein*. (1992: 85)

O *mundo* é com o *Dasein*, quando Afonso de Castro aponta que o mundo permite a compreensão, quer dizer que ele se abre no *Dasein*, por isso não há uma objetivação, mas uma figuralidade do mundo, ele acontece *como*. Ao contrário da filosofia platônica, em que o mundo existia “antes”, como essência, na filosofia heideggeriana, o mundo existe sempre *sendo e acontecendo*.

Quando dissemos que o *ser* não é tratado como uma subjetividade, abrimos já uma fenda para falar do “ser-aí” e do *mundo*: o ser no mundo é um “ser-com”, pois sua totalidade só se dá na convivência com outros seres. O *Dasein* não é o homem sozinho, e para entendermos o *ser*, devemos enxergá-lo no mundo compartilhado. Mas enquanto o *ser* se revela no “ser-com” como um ser no mundo, ele principia o seu encobrimento, a sua ocultação, pois a relação com os outros leva o homem à vida cotidiana, que por sua vez, o leva à *inautenticidade*.

É importante que entendamos a *inautenticidade* para que cheguemos à verdade, à obra de arte e à poesia. Ela é o homem afastado de tornar-se si mesmo e de reconhecer o *ser* primordial dentro de si. Na sua vivência cotidiana, o homem acostuma-se com o *mundo* e vive em um profundo estado de esquecimento. Ele encobre o *Dasein*, tornando-o oculto e não se dá conta do seu esquecimento, procura ser autêntico e “dono de si”, na trivialidade da vida. O esquecimento promovido pela vida cotidiana é o mesmo proporcionado pela tradição filosófica, ele não deixa que o *ser* e o *ente* sejam o que eles realmente são, Heidegger fala dele em *A Origem da Obra de Arte*: “O que nos parece natural é unicamente o habitual do há muito adquirido, que fez esquecer o inabitual, donde provém. Este inabitual, todavia, surpreendeu um dia o homem como algo de estranho, e levou o pensamento ao espanto (Heidegger 1990: 17).

E a respeito da força que o cotidiano tem em trazer o esquecimento e a ocultação do ser do ente, o filósofo escreve em “Sobre a essência da verdade”:

O homem se limita à realidade corrente e passível de ser dominada, mesmo ali onde se decide o que é fundamental. E se ele se decide

alargar, transformar, se apropriar e assegurar o caráter revelado do ente nos domínios mais variados de sua atividade, ele, contudo, procura as diretivas para tal nos estreitos limites de seus projetos e necessidades correntes. (Heidegger 1979c: 142)

É também de “Sobre a essência da verdade”, que tiramos as considerações do filósofo alemão a respeito da verdade do *ser* e do *ente*. Os filósofos gregos deixaram uma herança de pensamento sobre a verdade desde Platão, que a considerava imutável e eterna como parte da essência do ser, e Aristóteles, que a pensou como uma correspondência entre juízos e objetos. Sendo pensada assim, na relação sujeito/ objeto, a verdade, segundo Heidegger, perdeu seu sentido original. Ele vai pensá-la enquanto relacionada à *existência* do *ser*.

A concepção de verdade heideggerina inverte as idéias tradicionais de “adequatio” da enunciação, não é porque um enunciado está adequado ao ente que ele é uma verdade, mas o ente já trazia essa verdade, ela já se encontrava em seu comportamento. Assim, a verdade tem uma estrutura de evento; a verdade, para Heidegger, *acontece*. O acontecimento da verdade dá-se no “deixar-ser” do ente, que, por sua vez, só é possível pela liberdade. Heidegger vai dizer que a essência da verdade é a liberdade, pois ela permite que cada ente seja o ente que é e que assim, a verdade aconteça, e usa então a palavra grega “*alétheia*”, que tem seu sentido mais puro em “desvelamento”, para definir a verdade:

A liberdade assim compreendida, como deixar-ser do ente, realiza e efetua a essência da verdade sob a forma do desvelamento do ente. A ‘verdade’ não é uma característica de uma proposição conforme, enunciada por um ‘sujeito’ relativamente a um ‘objeto’ e que então ‘vale’ não se sabe em que âmbito; a verdade é o desvelamento do ente ao qual se realiza uma abertura (Heidegger 1979c: 139)

O *Dasein* velado, esquecido e escondido só pode existir como abertura. É a verdade acontecendo entre o *ente* e o *ser-aí*, que abre a *clareira* em que os dois podem acontecer e se revelar. A clareira, segundo Heidegger, é essa abertura do *Dasein* ao *ser*. Como já dissemos, o *Dasein* caiu no esquecimento e na inautenticidade e só através do acontecimento da verdade é que ele volta à sua origem, ou seja, ao seu *ser*.

Todas as reflexões sobre a verdade como desvelamento do *ser* e do *ente* Heidegger vai retomar em “A origem da obra de arte”, texto que, aliado a “Hölderlin y la esencia de la poesía”, nos oferecerá o verdadeiro caminho de

nosso trabalho, aquele que nos levará à questão da poesia na filosofia heideggeriana.

III – A OBRA DE ARTE: UM CAMINHO PARA A POESIA

Na mesma linha de pensamento em que a filosofia tradicionalmente enxergou a questão do *ser* a partir da dicotomia sujeito/ objeto (com a prevalência do primeiro sobre o segundo), a estética tratou permanentemente a obra de arte como o objeto da prática de uma subjetividade. Por outro lado, assim como Heidegger repensou toda a tradição do pensamento filosófico, ele iniciou uma reflexão diferente a respeito da obra de arte, tratando-a como um *ente*.

Mais uma vez o filósofo alemão nega a metafísica, mudando um de seus pressupostos: a obra surge através da atividade do artista. Logo no início do texto “A origem da obra de arte”, o pensador afirma essa proposição, mas ao mesmo tempo a inverte: “O artista é a origem da obra. A obra é a origem do artista. Nenhum é sem o outro” (Heidegger 1990: 11). Atentemos para o verbo: “Nenhum *é* sem o outro”, novamente o *ser* está em foco, o ser obra da obra e o ser artista do artista, sobre os quais Heidegger vai discorrer para que possamos tentar conhecê-los.

Para chegar ao conceito de obra de arte, passamos pelos de *coisa* e *apetrecho*, e pela distinção desses elementos. A coisa repousa em si, tem características próprias (cor, cheiro, forma) e é matéria; o apetrecho é a versão utilitária da coisa, ele é construído pelo homem e seu caráter é principalmente utilitário. Segundo Heidegger, na ânsia pelo conhecimento de tudo, o homem sempre confundiu obra de arte, coisa e apetrecho, sem atentar para o ser obra da obra. A confusão deu-se porque a obra possui um pouco de cada um dos outros dois: assim como a coisa, ela repousa em si e assim como o apetrecho, ela é feita pelo homem, mas ela não é simples matéria como a coisa mesma, e sobretudo, não é utilitária como o apetrecho (ao menos não deve ser), além do que, criar uma obra não é o mesmo que manufaturar algo. A grande obra de arte é essa: auto-suficiente e não utilitária e foi pensando a seu respeito que Heidegger colocou suas reflexões, rejeitando a definição de arte como coisa (definição da Estética).

Segundo o filósofo, a grande obra copia qualquer coisa, pois ela não é uma reprodução de entes, mas a reprodução de suas essências. O ente é o tangível, a realidade palpável, o ser é um algo “outro” que não pode ser reduzido ao ente. A obra de arte permite que o *ser* do ente se desvele, conseqüentemente, ela permite a “alétheia”. A obra de arte é um dos modos da verdade acontecer, nas palavras de Heidegger: “A obra abre à sua maneira o ser do ente. [...] Na obra de

arte, a verdade do ente pôs-se em obra na obra . A arte é o pôr-se-em-obra da verdade” (1990: 30). Todos os elementos que compõem a obra de arte são eles mesmos, ela deixa que eles sejam assim, por isso a obra é o lugar do “acontecer da verdade”, ela é revelação, nela, *mundo* e *terra* se instauram.

A *terra* heideggeriana é o que os gregos chamavam de *physis*, ela é natureza, onde o homem instalou-se e instalou seu mundo. A *terra* é mistério, o mundo tenta lhe dar lógica e é aí que ocorre seu velamento. Cotidianamente, a *terra* só acontece como dissimulação, como conseqüência da lógica e da historicidade do ser no mundo. O utilitarismo faz com que a *terra* seja desvalorizada, assim, o caráter utilitário do apetrecho não deixa que ela se mostre como realmente é. Na obra de arte, a questão é diferente. A obra traz a *terra* à luz, nela, os materiais brilham, a cor utilizada pelo pintor, a palavra do poeta, tudo volta ao seu ser original, a obra deixa que eles venham ao aberto. Segundo Heidegger: “*A obra deixa que a terra seja terra*” (1990: 36, itálico do autor).

Entretanto, a obra também revela o mundo, que é, em sua essência, diferente de terra. E apesar das diferenças, mundo e terra precisam um do outro, são inseparáveis, na opinião de Heidegger. A terra guarda o mundo, mas este a oculta. Na relação dos dois, o filósofo vê um combate, uma necessidade de auto-afirmação de ambos. A obra de arte realiza o combate entre mundo e terra, por isso ela repousa em si mesma. Ela esconde algo de “outro”, esse “outro” é o combate entre mundo e terra que está em obra e que só se mostra porque a obra é auto-subsistente. A unidade entre mundo e terra acontece através do combate e assim, no desvelamento e na ocultação, no combate, a verdade insere-se em obra.

Afonso de Castro, ao explicar o método hermenêutico heideggeriano de análise poética em seu livro *A Poética de Manoel de Barros*, resume a concepção do filósofo a respeito da obra de arte da seguinte forma:

Para Heidegger, uma obra de arte, quando se impõe por sua grandeza, fala e, quando isso ocorre, instaura um mundo. E, neste ato de dizer, acontece a verdade como desocultação. [...] *Heidegger considera toda arte como intrinsecamente poética*, como um meio de forçar o ser dos seres a desocultar-se e como um meio de transformar a verdade num acontecimento histórico, concreto. Para ele, a situação poética apresenta-se como tensão intrínseca entre a terra e o mundo. A terra é a mãe inexaurível, o fundamento primordial de tudo. A obra de arte é a concretização

numa forma dessa tensão terra/ mundo, trazendo-a para essa luta, para o domínio dos seres. (CASTRO 1992: 89, grifo nosso)

Além de confirmar algumas considerações expostas até agora, a afirmação de Afonso de Castro adiantou-nos o ponto da filosofia de Heidegger aonde queríamos chegar: “Heidegger considera toda arte como intrinsecamente poética”. Finalmente retomamos a primeira citação heideggeriana desse trabalho: “A verdade como clareira e ocultação do ente acontece na medida em que se poetiza” (Heidegger 1990: 58), ou seja, só quando há poesia é que a obra de arte é ela mesma e a verdade acontece.

O filósofo não pensa apenas na poesia da literatura. Qualquer obra de arte (escultura, música, pintura) pode ser poética, pois ao fazer erigir mundo e terra, ao abrir o acontecimento da verdade, ela é um evento inaugural. Para Heidegger, esse é o sentido de Poesia: evento inaugural, e o filósofo distingue em seu texto a poesia-literatura, da Poesia-evento inaugural, pelo uso da maiúscula na segunda. Ao tentar interpretar uma obra de arte, o homem pode recuperar o evento original, ele tem a possibilidade de desocultá-la. Mas como a poesia literária tem em seu âmago a linguagem, ela é duplamente poética, pois, segundo o filósofo: “A própria linguagem é Poesia em seu sentido essencial” (Heidegger 1990: 58).

A LINGUAGEM

Por que a própria linguagem é Poesia? Aqui, nos deparamos com um outro elemento importante da filosofia heideggeriana e por isso teremos que nos dedicar a ele: a relação entre o *ser* e a linguagem. Ela é o início, a possibilidade maior de algo *ser* e *existir*, ela mostra algo, através dela, o ser se manifesta. Nas palavras do próprio Heidegger: “A linguagem não é apenas – e não é em primeiro lugar – uma expressão oral e escrita do que importa comunicar. Não transporta apenas em palavras e frases o patente e o latente visado como tal, mas a linguagem é o que primeiro traz ao aberto o ente enquanto ente” (Heidegger 1990: 59).

As ciências e a tecnologia não manifestam a linguagem em seu sentido mais puro, pois suas “falas” são impregnadas de um raciocínio lógico baseado no objeto; já o “falar cotidiano” é um ato do “*ser-com*”, do inautêntico, fruto do esquecimento, não é a linguagem a que Heidegger se referiu, é o discurso. Samuel Ramos, em seu prólogo à *Arte y Poesía* ao retomar as idéias de Heidegger, escreveu: “Con la palabra se puede llegar a lo más puro y lo más oculto así como también a lo ambiguo y lo común” (1958: 24); portanto, para o filósofo

alemão, a linguagem, que é essencialmente poesia, está nessa possibilidade da palavra de ser *pura e oculta*.

Também na filosofia heideggeriana, a linguagem não tem a obrigação mimética que tinha na filosofia de Platão, muito pelo contrário: a linguagem tratada por Heidegger está afastada de qualquer concepção mimética. Platão, em *A República*, condenou a poesia (e a pintura, ou seja, as artes em geral) exatamente pelo seu afastamento da verdade, concluindo que ela não cumpre o seu papel de mimesis. Para o filósofo grego, a poesia era portadora de uma “má linguagem”, enquanto a “boa linguagem” só o dizer filosófico sabia comportar. Através da filosofia heideggeriana, compreendemos que não há uma boa ou uma má linguagem, mas uma linguagem que não está a serviço do pensamento e é fundadora: a Poesia com “p” maiúsculo, o evento original que as obras de arte revelam e que está na criação do poeta e pode também estar na filosofia, desde que ela não esteja apegada ao pensamento metafísico. Parmênides, que segundo Heidegger foi o primeiro grego a meditar sobre o ser e o ente, poderia ter chegado à Poesia. Mas toda a tradição que se formou posteriormente (sempre a metafísica!) delimitou a filosofia ao *logos* e esqueceu-se do *ser*, mesmo que pensando sobre ele.

Dissemos que a Poesia pode ser filosofia, e isso acontece à medida que nela encontramos a palavra original, “pura” e “oculta”, como devem ser as palavras poéticas. A própria filosofia heideggeriana se constrói dessa maneira: ao tentar dizer o ser do ente, ela traz uma linguagem obscura e enormemente valorizada pelo filósofo, que tem o pensamento originado dessa linguagem. Em “Que é isto – a filosofia?”, ele aponta a relação entre a verdadeira “philosophía” e a linguagem: “Philosophía é a correspondência propriamente exercida, que fala na medida em que é dócil ao apelo do ser do ente. O corresponder escuta a voz do apelo” (Heidegger 1979a: 20). Enquanto correspondência, a philosophía é um falar, isso explica a inversão da idéia de que a linguagem veio do pensamento, o que Heidegger ainda explicita posteriormente:

Este co-responder é um falar. Está a serviço da *linguagem*. O que isto significa é de difícil compreensão para nós hoje, pois nossa representação comum da linguagem passou por um estranho processo de transformações. Como consequência disso a linguagem aparece como um instrumento de expressão. De acordo com isso, tem-se por mais acertado dizer que a linguagem está a serviço do pensamento em vez de: o pensamento como co-respondência está a serviço da linguagem. (1979a: 23)

Na fenomenologia da linguagem heideggeriana, a “linguagem fala”, ela compreende a consciência e o homem e, porque é Poesia, a linguagem permite a realização do *Dasein* e a ocorrência da verdade como acontecimento. O poético então é a própria possibilidade da linguagem, dessa linguagem que possibilita o *ser* e o *existir*. Só através da linguagem o mundo é compreendido, ela deixa que as coisas *sejam*. Mas atentemos para o fato de que a compreensão do mundo pela linguagem não é possibilitada pelo científico ou pelo usual que acabam embaciando a verdadeira linguagem original: a Poesia.

IV – O ENCONTRO COM A POESIA: UMA NOVA POSSIBILIDADE PARA ANÁLISE DE POEMAS

Pensem então na poesia do poema, aquela a que Heidegger dedicou-se em “Hölderlin y la esencia de la poesia”: há uma armadilha perigosa em que podemos cair quando falamos do sentido de Poesia para Heidegger como fundação, princípio, evento original, pois não foi ele o primeiro a refletir sobre a poesia nessas condições. Fácil é, para um estudante de literatura que não esteja atento à filosofia, ligar imediatamente o pensamento de Heidegger ao de Vico, o filósofo italiano da Idade Média que também vê na poesia um “princípio de algo”. Muito há de comum nos dois pensamentos, eles podem ser comparados sem problema, mas é preciso sempre estar atento para a diferença fundamental entre os dois filósofos: a metafísica.

Para o pensador italiano, houve uma época em que os deuses eram o centro de tudo e o homem, selvagem e primitivo, vivia com medo da fúria divina. Vico chamou esse tempo de Idade Divina. Os homens da Idade Divina, irracionais, foram os fundadores da humanidade e todas as suas idéias nasciam da imaginação. A imaginação revelou o poder de criação dos homens, chamados de “poetas” pelo pensador medieval que retomou os gregos: “poeta” em grego quer dizer criador. Mas a poesia inaugurada por esses homens foi vista por Vico como uma sabedoria, uma forma de relação entre aqueles seres primitivos e as coisas do mundo, o que ele chamou de “sabedoria poética”. Ainda que o filósofo tenha proposto que a origem da linguagem está no irracional, no obscuro e no primitivo (o que Heidegger também pensa), ele vai abordou-a ao modo metafísico, como a conseqüência da dicotomia sujeito/objeto: “Temos portanto que a sabedoria poética [...] precisou começar de uma metafísica” (Vico 1979: 75).

Devemos então saber diferenciar o conceito de Poesia em Heidegger daquele de Vico, que fora inúmeras vezes utilizado pelos estudos literários. Por tudo que já colocamos a respeito da filosofia heideggeriana, é importante deixar

claro que a Poesia em Heidegger é muito mais do que uma possibilidade de nomeação, é a instauração do *ser* pela “fala”, ou linguagem: “Poetizar es el dar nombre original a los dioses. Pero a la palabra poética no le tocaría su fuerza nominativa, si los dioses mismos no nos dieran el *habla*” (Heidegger 1958: 111, grifo nosso). Além disso, o pensador alemão criticava a questão do ser na filosofia medieval, pois ela partia de uma visão religiosa, onde a dicotomia *Deus / homem* corresponderia a sujeito/ objeto, e, no lugar de uma ontologia, haveria então uma “ontologia”, segundo Heidegger.

O *ser* heideggeriano habita a linguagem poética. Só a Poesia é capaz de trazer novamente o mistério da *terra* e, sobretudo, a procura do *ser* que ficara esquecido por culpa da inautenticidade ou da lógica metafísica ao tentar explicá-lo, pois a Poesia não se origina do habitual, do cotidiano, do constante, ela é um “trazer à luz” (1990: 61), nas palavras do próprio Heidegger. A Poesia traz o novo ao homem, com efeito, ela permite o acontecimento da *alétheia*.

Ao deixar a linguagem brilhar, vir à luz e resplandecer, a poesia permite que a *terra* se revele, pois no poema o seu uso não está a serviço de um utilitarismo, ela não é a matéria de um “equipamento” chamado comunicação. A linguagem no poema é o poetizar de si mesma.

No texto “Hölderlin y la esencia de la poesía”, Heidegger ainda nos mostra que a poesia erige um mundo: “La poesía no es un adorno que acompaña la existencia humana, ni sólo una pasajera exaltación ni un acaloramiento y diversión. La poesía es el fundamento que soporta la historia, y por ello, no es tampoco una manifestación de la cultura, y menos aún la mera ‘expresión’ del ‘alma de la cultura’” (1958: 108). Como fundamento da história, a poesia cria um mundo; tratada desse modo, ela se afasta das definições estéticas que a vêem como o expoente de uma cultura, pois tal visão inverte a definição heideggeriana: produto de uma cultura, a poesia seria então consequência do mundo.

Mundo e terra revelam-se na poesia por meio da *linguagem* e só no olhar atento sobre cada palavra de um poema é que podemos descobrir o *ser* profundo e esquecido de cada ente. Na análise que Heidegger faz sobre a obra de Hölderlin, cada palavra, uma a uma, traz à luz uma verdade; o olhar sobre cada palavra desoculta algo que só tendo em mente a filosofia heideggeriana (elementos como *Dasein*, *mundo*, *terra* e *alétheia*), seríamos capazes de pensar.

Segundo Afonso de Castro, há três etapas a serem cumpridas na análise de um poema ao modo heideggeriano: a primeira constitui a procura de um sentido através do edifício das palavras (tal sentido revelaria o *ser do poema*), a segunda etapa é a de verificação da “área que o poema abriu” (1992: 89), acontecimento que o autor não explica de maneira abrangente, mas pensamos

ser essa área o lugar onde o *mundo* se revela; finalmente, a análise proposta busca aquilo que está mais escondido no poema, a *origem* do que se oculta e se desoculta em todo o poema.

Para uma análise como essa, o conhecimento da filosofia heideggeriana é imprescindível, assim como é importante que se tenha em mente o papel da linguagem nessa corrente de pensamento. Outra corrente de pensamento sobre a literatura – o estruturalismo – também viu no trabalho com a linguagem o caminho para se estudar um poema, porém a linguagem focada nos trabalhos estruturalistas não tem o mesmo sentido que a heideggeriana. Neles, a linguagem é uma matéria, o rigor científico e a obediência à lógica devem ser o meio de analisá-la. Não por acaso, em grande parte desses trabalhos, gráficos e tabelas são utilizados. Pensar a linguagem para Heidegger é livrar-se de conceitos pré-estabelecidos e deixar que novas verdades aconteçam. É por isso que o método de análise proposto pelo filósofo alemão é como um filosofar, nele, poetar e filosofar se confundem, enquanto a linguagem é ao mesmo tempo (no pensamento tradicional) “sujeito” e o “objeto” da análise, em uma fusão em que não existem sujeito e objeto, não há metafísica e a compreensão existencial tem a possibilidade maior de acontecer.

Enfim, com o pensamento de Martin Heidegger, poesia e filosofia travam uma relação em que são quase indissociáveis, uma precisa da outra. A poesia pensada pelo filósofo não poderia ser visitada pelos Estudos Literários sem o conhecimento da ontologia do *Dasein* e todos os elementos que a envolvem. Usando tal reflexão, a análise literária ganha muito, pois ela pede um pensamento apurado sobre as palavras no poema e sua relação com a existência do poético. Em uma análise heideggeriana, ao edificarmos as palavras do poema, estamos procurando a palavra original, aquela que se desdobrou em todas as metáforas do texto e impulsionou a criação poética, que é o ponto de partida e de chegada do poeta, a palavra que possibilitou a existência da obra de arte e que será a revelação da verdade.

A filosofia também se enriqueceu com a abordagem heideggeriana da poesia, pois o filósofo iluminou a importância da linguagem para se pensar no homem; suas reflexões abriram caminho para outros pensamentos, encarando a existência do *ser* vinculada com sua capacidade de linguagem. A nova “tradição” criada por Heidegger é a que mais aproxima poesia e filosofia e ambas são trabalhadas como *Poesia*.

Tendo “desconstruído” a tradição filosófica com seu pensamento, Heidegger desconstruiu também o momento primeiro em que se pensou em poesia, aquele em que Platão condenou os poetas e suas obras; o filósofo alemão

voltou à questão para lhe dar novo enfoque, encará-la de uma maneira mais justa e ao avesso do modo platônico. Para Heidegger, a poesia não está afastada da verdade, mas também não está em seu âmago, ela *está antes, é antes, possibilita a verdade*.

Enquanto o grego definia o pensamento filosófico como um bem para alma e pensava na filosofia como uma prática da “boa linguagem”, em detrimento da poesia, o filósofo alemão, séculos depois, veio vingar a palavra poética, e para demonstrá-lo, nada mais será preciso do que essas palavras, retiradas de “Que é isto – a filosofia?”:

Mas pelo fato de a poesia, em comparação com o pensamento, estar de modo diverso e privilegiado a serviço da linguagem, nosso encontro que medita sobre a filosofia é necessariamente levado a discutir a relação entre pensar e poetar. Entre ambos, pensar e poetar, impera um oculto parentesco porque ambos, a serviço da linguagem, intervêm por ela e por ela se sacrificam. Entre ambos, entretanto, se abre ao mesmo tempo um abismo, pois ‘moram nas montanhas mais separadas’. (Heidegger 1979a: 23, aspas do autor).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CHAUÍ, Marilena. 1979. “Heidegger (1889 – 1976): Vida e Obra”. *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural.
- CASTRO, Afonso de. 1992. *A Poética de Manoel de Barros*. Campo Grande: FUCMT – UCDB.
- GUIMARÃES, Fernando. 1992. *Simbolismo, Modernismo e Vanguardas*. Porto: Lello & Irmão .
- HEIDEGGER, Martin. 1958. *Arte y Poesía*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica.
- . 1979a. “Que é Isto - a Filosofia?” *Conferências e escritos filosóficos*. São Paulo: Abril Cultural pp. 7-24.
- . 1979b. “O Fim da Filosofia e a Tarefa do Pensamento”. *Conferências e escritos filosóficos*. São Paulo: Abril Cultural. p. 65-81.
- . 1979c. “Sobre a Essência da Verdade”. *Conferências e escritos filosóficos*. São Paulo: Abril Cultural. p. 127-45.
- . 1990. *A Origem da Obra de Arte*. Lisboa: Edições 70.
- NUNES, Benedito. 2002. *Heidegger & Ser e Tempo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

- PLATÃO. 1954. *Fedro*. Porto Alegre: Globo. p. 187-263.
- . 1996. *A República*. Rio de Janeiro: Ediouro.
- RAMOS, Samuel. 1958. Prólogo. Martin Heidegger. *Arte y Poesía*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica.
- RÉE, Jonathan. 2000. *Heidegger. História e Verdade em Ser e Tempo*. São Paulo: Editora UNESP.
- VICO, Giambattista. 1979. “Da Sabedoria Poética - Livro Segundo”. *Princípios de uma ciência nova; acerca da natureza comum das nações*. São Paulo: Abril Cultural. p. 65-75.